

Associação Nacional de História – ANPUH
XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - 2007

Gazeteiros do Recife: crianças e jovens no mundo do trabalho

Humberto da Silva Miranda*

Resumo: Este artigo pretende analisar, a partir da perspectiva da história social, o cotidiano dos “pequenos jornaleiros” da cidade do Recife, nas primeiras décadas do século XX. Por meio dos jornais da época e dos documentos que compõem o acervo da Casa de Detenção do Recife, procuramos recompor o passado destas crianças e jovens que vivenciavam o universo da pobreza, da criminalidade e da exploração do trabalho infanto-juvenil. Uma história “vista de baixo”, onde os protagonistas são os gazeteiros do Recife.

Palavras-chave: Gazeteiros- Infância - Recife.

Abstract : This article analyzes from the perspective of social history, the daily one of the gazeteiros of the city of Recife, in the decades of 1920 and 1930. Using periodicals of the time and the documents that compose the quantity of the House of Detention of Recife, we look to recompor the past of these children and young that lived deeply the universe of the poverty, crime and the exploration of the infanto-youthful work. A seen history “of low”, where the protagonists are the gazeteiros of Recife.

Keywords: Gazeteiros - Infancy; Recife.

Por uma história vista de baixo: a guisa de introdução

Historicizar o cotidiano das crianças e jovens que trabalhavam na comercialização dos jornais, durante as primeiras décadas do século XX, nos faz discutir o Recife e suas contradições sociais. Cidade que se desenvolvia economicamente, mas que enfrentava os problemas do aumento do crescimento populacional, ocasionado pelo êxodo rural que, por sua vez fez gerar o crescimento do desemprego, da prostituição, da delinquência infanto-juvenil, entre outras formas de exclusão social. O Recife dos encantos modernizadores convivia com os desencantos das desigualdades sociais (REZENDE, 1997).

Esta efervescência cultural se refletiu no campo da imprensa escrita, quando, neste período, o número de jornais que circulavam na cidade era bastante expressivo. Além do Jornal do Comércio e do Diário de Pernambuco, eram distribuídos o Jornal Pequeno, Pernambuco, A Província, Diário da Manhã, entre outros. Estes periódicos eram considerados progressistas ou conservadores, organizados por intelectuais ou por grupos políticos organizados. Através das páginas amareladas, a vida da cidade era diariamente registrada, tornando-se documentos preciosos para o pesquisador que pretende historicizar a cidade do Recife nos seus mais diferentes aspectos.

Além dos redatores, fotógrafos e revisores, os gazeteiros se tornavam imprescindíveis para a viabilização do trabalho, uma vez que eles eram encarregados de distribuir e comercializar os jornais nos mais distantes e diferentes locais da cidade. Os vendedores de jornais dinamizaram o mundo do trabalho, proporcionando um novo campo de sustentabilidade social e econômica voltado para um número expressivo de pessoas que não tiveram oportunidade de estudar ou de se profissionalizar.

Caminhavam sob o calor do sol ou do frio da madrugada, nos distantes itinerários a pé, carregando debaixo dos braços exemplares dos jornais. Para chegar ao encontro dos consumidores, eles circulam pelas ruas e avenidas da cidade, estabeleciam seus pontos nas esquinas, enfrentando os momentos de disputas gerados pela concorrência desenfreada, ou de alegrias, promovidas pelas vitórias conquistadas...

O território dos gazeteiros não era ocupado apenas pelos homens “feitos”. Para atender a demanda de trabalho, os adultos passaram a disputar o espaço de trabalho com chamados “pequenos jornaleiros”. Crianças e jovens que, em média, possuíam a faixa etária entre dos 10 aos 18 anos de idade. Analfabetos, pretos ou pardos, naturais de Pernambuco, moradores dos bairros periféricos do Recife. Muitos possuíam famílias, outros viviam o estado de abandono, adotados pelo mundo da marginalidade e da exclusão.¹

Ao analisarmos a documentação da época, percebemos que parte destas crianças e jovens trabalhavam nas casas de famílias como empregados ou agregados que serviam como ajudantes dos serviços domésticos.² Outros trabalhavam carregando malas dos passageiros que transitavam na Estação Ferroviária das Cinco Pontas do Recife, limpavam os jardins dos grandes sobrados ou serviam como entregadores de encomendas ou recados.

Debruçar-se sobre o cotidiano destas crianças e jovens nos leva a conhecer “outras histórias”. Histórias de vidas ocultadas, de resistências construídas nas ruas, nas esquinas ou nas praças da grande cidade. Um cotidiano que se inventa através das táticas, da

¹* Mestrando em História Social da Cultura pela UFRPE. Bolsista da Fundação de Amparo a Pesquisa de Pernambuco - Facepe. Este trabalho é dedicado a Professora Dra. Isabel Cristina Martins Guillem, por sua presença e compreensão nas horas difíceis.

Estes dados foram encontrados nos Livros de Entrada e Saída de presos da Casa de Detenção do Recife que se encontra sob a guarda do Arquivo Público de Pernambuco Jordão Emereciano – Apeje.

² Ao se voltar para ao universo social dos trabalhadores ingleses, o historiador E. P. Thompson analisou o lugar das crianças no contexto do crescimento do trabalho industrial e agrícola, observando que boa parte das crianças envolvidas naquele processo pertenciam ao universo do trabalho doméstico. Ver THOMPSON, E. P. *A formação da classe operária inglesa: a maldição de Adão*. Volume II. Rio de Janeiro: 1987.

antidisciplina, da astúcia, que nos faz perceber reapropriações de espaços e que buscavam romper ou negociar com as regras impostas (CERTEAU, 2005).

O cotidiano dos Gazeteiros: entre as práticas de exclusão e resistência

Era de madrugada e chovia, Gregório estava molhado e procurava um local para descansar, depois de uma jornada intensa de trabalho. Ao encontrar um “pé de escada” adormeceu... Ao seu lado, Gregório trazia os jornais que deveriam ser comercializados. De repente, o inesperado: o “pequeno jornaleiro” foi surpreendido com um banho de urina. Em suas lembranças, nos disse Gregório:

Foi o banho mais desagradável e mais nojento de toda a minha vida. Os jornais que não tinha vendido também ficaram ensopados de urina. Saí debaixo da chuva e tomar um banho de verdade no café do Bacurau, onde comprei um tostão de sabão, esfreguei o corpo e lavei a roupa, que depois vesti, ainda molhada. (BEZERRA, 1979: 148)

A revolta de Gregório foi tão grande que o fez arquitetar, segundo o próprio, uma ”vingança diabólica” e nos contou:

Arranjei uma lata, fui na rampa do cais do Abacaxi, onde o povo fazia suas necessidade fisiológicas, enchi-a de merda, para lambuzar a porta de entrada e o piso do prédio onde deram o banho de urina. Mas o sobrado tinha dois andares e eu não sabia de qual dos dois me jogaram o penico de mijo; para não cometer uma injustiça. Desistir do meu plano de vingança. Mas já tinha até comprado uma broxa de caiador para pôr em prática o meu projeto. (BEZERRA, 1979: 148)

Esta passagem registrada na obra *Memórias*, de Gregório Bezerra, importante político, que pertenceu às fileiras do Partido Comunista de Pernambuco e que quando criança trabalhou como gazeteiro no Recife, aponta-nos vestígios de como foi construído o cotidiano dos ”pequenos jornaleiros”. A partir de seu depoimento, percebemos que o dia-a-dia destas crianças e jovens era marcado por constantes práticas de violência que se desdobrava no campo da agressão física e nos traumas psicológicos. Não seria difícil afirmar que este evento marcou a vida do Gregório, uma vez que tal episódio esteve presente na sua autobiografia.

Procurar um lugar para dormir, no escuro da e debaixo da chuva, nos faz observar o garoto Gregório vivenciava o cotidiano injusto da exploração. Um trabalho que desafiava o tempo do relógio, que fazia crianças e jovens circularem nas ruas no clarão do dia ou na escuridão da madrugada. Uma jornada de trabalho marcada pela incerteza das horas, que podia ser prolongada ou reduzida.

Ao analisar a questão do tempo e da disciplina dos trabalhadores ingleses, Thompson nos afirma que “a atenção ao tempo de trabalho depende em grande parte da necessidade de sincronização do trabalho” (THOMPSON, 1998: 280). No caso das relações de trabalhos vivenciadas por nossos “pequenos jornalheiros”, a lógica dos proprietários dos jornais, inserida na ótica do projeto burguês, não respaldava o fator tempo, uma vez que cumprir a tarefa estava na ordem das prioridades.

As memórias de Gregório nos levam a encontrar outros indícios que nos permitem discutir como as relações entre estas crianças e jovens.³ Gregório ou Grilo, como apelidado na infância, relata vivências marcada pela competição desenfreada, as pressões e cobranças por produtividade, do salário injusto e do lucro que os donos dos jornais recebiam.

Cada gazeteiro em seu setor, esta era uma regra que deveria ser respeitada, caso contrário às disputas passavam a ser construídas no campo das agressões físicas ou verbais. Uma vez ultrapassados os limites estabelecidos, as perseguições eram efetivadas. De acordo com Gregório, a sua condição de criança fazia-o merecer uma atenção especial dos leitores e isso aborrecia outros gazeteiros, fazendo com que o ”pequeno jornalheiro” fosse alvo dos chutes, dos tabefes e de outras formas de violência. Contudo, Gregório afirmava:

Aos poucos, com muitas desvantagens contra mim, ia revidando os insultos, os palavrões, os murros, os tapas, as tabicas (...) Desgraçadamente eu era menor que os meus agressores, tinha menos força e menos agilidade do que eles, mas era teimoso, não entregava os pontos e não dava por vencido. Às vezes, com um rival eu brigava três, quatro vezes, até sentir que tivera algumas vantagens ou que ele desistia de me perseguir. Esta minha atitude impôs respeito (BEZERRA, 1979: 127).

Para Gregório a estratégia de resistência foi construída na luta diária, na persistência, na teimosia de querer continuar vivendo. Enfrentar os riscos e desafiar o perigo nas ruas, esquinas e praças da cidade, onde cada um destes espaços físicos era dominado por grupo ou por um gazeteiro veterano, passou a fazer parte da sua rotina diária. Na luta pela

³ Não podemos deixar de registrar o pensamento de Bourdieu sobre o relato autobiográfico. De acordo com o seu pensamento, o historiador que pretende trabalhar com autobiografias, deve considerar a questão da “ilusão biográfica”, criticando a existência de um “eu” coerente e contínuo, para que não sejam reproduzidos os “efeitos de verdade” expressados na narrativa autobiográfica e afirma que ”o relato de vida varia, tanto na forma quanto no conteúdo, segundo a realidade social do mercado no qual é oferecido – a própria situação da investigação contribui inevitavelmente para determinar o discurso coligido” . Ver BOURDIEU, Pierre. *A ilusão biográfica*. In: AMADO, Janaína & FERREIRA, Marieta de Moraes (Orgs.). *Usos e abusos da História Oral*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002. 183-191 p. (p. 188-189).

sobrevivência, as negociações, os vários momentos de sujeição, o silêncio se traduziram como estratégias de resistência.

Contudo, Gregório também nos fala das redes de solidariedade que foram construídas no cotidiano. Além da atenção dos clientes e de algumas famílias que demonstravam interesse em acolhê-lo, alguns dos jornalistas apresentavam-se indignados com a exploração vivida pelas crianças e jovens. Este depoimento nos faz observar que a história dos "pequenos jornaleiros" também foi marcada pelos momentos marcados pelas trocas de afetividade, pelas vitórias conquistadas, pelos fatos inusitados ocorridos na sutileza do convívio social.

Gregório não era o único e como estas disputas por espaços passaram a fazer parte do cenário da cidade, as rivalidades entre os gazeteiros despertaram a atenção de algumas autoridades responsáveis pela segurança pública. Desse modo, as diversas notas de jornais denunciavam os momentos de violência vivenciados entre as crianças e jovens. Vejamos o diz nota publicada em 03 de maio de 1927, no Jornal do Comércio:

Entre gazeteiros – discutiam e um saiu as pauladas
Anti-hontem, pela 7 horas, na praça da Independência, o gazeteiro Augusto Ferreira, de 14 anos de idade, após discutir com seu companheiro, foi pelo mesmo agredido, recebendo várias pauladas. O criminoso, preso flagrante delicto, foi levado para a Delegacia de Polícia do 1º Distrito da Capital. Augusto, que recebeu vários ferimentos no couro cabeludo, teve curativos no posto de Assistência Pública, recolhendo-se, logo após, a sua residência, em Bomba Grande. (Jornal do Comércio. Entre gazeteiros – discutiam e um saiu as pauladas. Na polícia e nas ruas. Recife, 03 de maio de 1927.

O caso de Augusto Ferreira nos revela como eram assistidas as crianças e jovens que sofriam agressões físicas. Estas notas eram reproduzidas pela coluna policial do Jornal do Comércio, que por sua vez foi criada a partir do objetivo de divulgar o cotidiano policial e disseminar o discurso daquele poder, construído a partir do ideário da ordem e da paz social. A polícia que atuava diretamente com os casos que envolviam estas crianças e jovens que vendiam jornais passou a controlar de forma efetiva o cotidiano delas a partir de práticas de vigilância e coerção.

Os Livros de Entrada e Saída da Casa de Detenção do Recife são documentos que nos mostram como era processado o controle sobre os "pequenos jornaleiros", uma vez que nestes registros estão apontados toda dinâmica da atuação policial. Neles, estão expostos os motivos das prisões dos "pequenos jornaleiros" e observamos qual a categoria criminosa que estes se inseriam. Tais categorias foram construídas da lógica policialesca, que por sua vez pertenciam ao projeto de controle social forjado a partir dos novos interesses políticos e

econômicos da sociedade burguesa da época, como nos fala Chalhoub. Estas práticas de controle e coerção procuravam intervir nas mais diversas formas de luta travadas nas experiências cotidianas dos trabalhadores (CHALHOUB, 2001).

Os registros que informavam os motivos de prisão que estas crianças e jovens se inseriam nos deparamos com classificação de vagabundos, desordeiros ou gatunos. Estes adjetivos se tornavam estereótipos utilizados na identificação destes agentes, que passavam carregar o estigma do ameaçador, lesivo e perigoso, fazendo com que estes se inserissem no universo social da marginalidade. Como nos fala Goffman, o estigma marca a relação entre o atributo e o estereótipo, onde a sociedade passa a “categorizar as pessoas e o total de atributos considerado como comuns e naturais para os membros de cada uma dessas categorias” (GOFFMAN, 1988: p.11).

Em maio de 1927, o editorial do Jornal do Comércio trazia o debate sobre o cotidiano dos pequenos gazeteiros e afirmava que as autoridades deveriam se preocupar com esta categoria profissional, uma vez que a sociedade recifense estava diariamente enfrentando a onda de perigo provocada por estes trabalhadores. Os elogios aos gazeteiros que se organizam em seu ponto de venda estratégico são acompanhados pela crítica de algumas crianças e jovens, afirmando que:

O caso desse gazeteiro que se prostou em frente à barricada do “Jahu” a introduziu melhor o produto da venda de jornais e vem demonstrando que, na classe a que pertence, não há apenas moleques insolentes que costumam arrumar rixas, de onde é comum sair diretinho para o outro mundo (...) O gazeteiro fica, assim, ao cabo de um desses episódios sangrentos, como o tipo de “caba de peia” incorrigível. Inútil comunicar-lhe qualquer sentimento de brandura, de mansidão e de paz. Tudo isso prova que deveriam dar ao gazeteiro a assistência que eles não tem, para deixar a faca e agir só.

A representação construída neste editorial do Jornal do Comércio sobre as crianças e jovens que vendiam os jornais no Recife, durante este período, tidos como os “moleques insolentes”, que faziam o tipo “caba de peia”, ou seja, valentão, nos leva a perceber como a imagem dos “pequenos jornaleiros” foi construída por alguns seguimentos da sociedade daquela época. Para o editorial a imagem da pequenos gazeteiros foi construída sob a égide das práticas desordeiras e da violência, disseminando assim, a idéia que as crianças que transitavam no mundo da venda de jornais representavam um perigo a sociedade.

Foi neste contexto que uma série de medidas passaram a ser tomadas no sentido de controlar o cotidiano destas crianças e jovens. No plano nacional, o Código de Menores de 1927, representou uma tentativa do poder dominante controlar o cotidiano destas crianças a partir do ideário da disciplinização e normatização através do aparato jurídico-assistencialista

(ALVAREZ, 1989). A promulgação deste Código nos faz afirmar que o problema da assistência à infância que transitava na seara do abandono e da exclusão era vivenciado em outras cidades brasileiras.

Entre os capítulos que compõe o Código, o número XIX, volta-se para os trabalhos dos menores. Para o Código, era proibido o trabalho de menores de 12 anos em todo território nacional e a Lei também era direcionada para os maiores desta idade com menos de 14 anos que não possuíssem educação primária. Contudo, percebemos que o Código não se apresentava competente em resolver a questão do trabalho infantil, uma vez que afirmava que os órgãos competentes poderiam autorizar o trabalho das crianças caso "considere indispensável para a subsistência dos mesmos ou de seus pais e irmãos, contanto que lhes recebam instrução escolar, que lhes seja possível" (Código de Menores de 1927, Capítulo IX, Art. 102).

Os livros de entrada e saída de presos da Casa de Detenção da década de 1930 nos levam a visualizar a permanência nos casos de exploração do trabalho infantil, mais notadamente sobre os "pequenos jornaleiros", uma vez que as entradas e saídas dos menores envolvidos estes agentes não deixaram de ser registrados.

Considerações Finais

As mesmas ruas que serviram como cenário do crescimento urbano do Recife, nas primeiras décadas do século XX, também foi o palco do aumento das mais diferentes formas de exclusão. As ruas dos grandes centros se tornaram locais onde a violência urbana crescia de forma efetiva. Espaços que abrigavam os cinemas, das elegantes lojas e cafés também eram os espaços do descaso, da pobreza e da criminalidade. O cotidiano da capital pernambucana, cortada por rios e iluminada pelas luzes amareladas, era caracterizado por estes problemas que desafiavam os projetos dos homens, fazendo surgir várias contradições sociais.

Gregórios, josés, antônios e tantos outros... Gazeteiros do Recife. Na construção da nossa trama, percebemos que a luta pela sobrevivência e as circunstâncias promovidas pela violência do sistema que viviam, os fez inseri-los no universo social da marginalidade, quando passaram a representar uma ameaça para o projeto burguês da época. A partir do discurso oficial, construído sob o ideário da ordem e do progresso, a imagem dos "pequenos jornaleiros" esteve associada ao ser desordeiro, lesivo e perigoso. Nesse contexto, uma série de normas coercitivas passavam a ser construídas com o objetivo de combatê-los.

Historicizar o cotidiano destas crianças e jovens se torna um grande desafio, uma vez que a responsabilidade de problematizar o dia-a-dia destes protagonistas anônimos, muitas vezes esquecidos pela história oficial, nos leva a caminhar em um universo subterrâneo que precisa ser revelado. Por uma história vista de baixo dos “pequenos jornalheiros” do Recife; agentes sociais fizeram - como ainda hoje fazem -, parte da história da infância do Recife e das relações sociais de trabalho construídas nesta cidade.

Referências Bibliográficas

- ALVAREZ, Marcos César. **A emergência do Código de Menores de 1927**: uma análise do discurso jurídico e institucional da assistência e proteção aos menores. 1989. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo: 1989.
- BEZERRA, Gregório. **Memórias: primeira parte 100-1945**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.
- BOURDIEU, Pierre. *A ilusão biográfica*. In: AMADO, Janaína & FERREIRA, Marieta de Moraes (Orgs.). **Usos e abusos da História Oral**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002. 183-191 p.
- CETEAU, Michel. **A invenção do cotidiano**: artes de fazer. 11ª Ed. Petrópolis: Vozes, 1994.
- GOFFMAN, Erving. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. 4ª Ed. Rio de Janeiro: LTC, 1988.
- REZENDE, Antonio Paulo. **(DES) encantos Modernos**. Recife: Fundarp, 1997.
- CHALHOUB, Sidney. **Trabalho, lar e botequim**. 2ª Ed. Campinas: editora da Unicamp, 2001.
- THOMPSON, Edward Palmer. **A formação da classe operária inglesa**: a maldição de Adão. Volume II. Rio de Janeiro: 1987.
- _____. **Costumes em comum**: estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

Fontes Manuscritas

Fundo: Casa de Detenção do Recife. Arquivo Estadual de Pernambuco Jordão Emereciano - Livros de Entrada e Saída da Casa de Detenção do Recife. Período 1920-1930.

Fontes Impressas

Brasil. 1927. Código de Menores de 1927.

Recife. Jornal do Comércio. Coluna na polícia e nas ruas. 1927